

PENSAR QUE IR PARA A UNIVERSIDADE é apenas uma questão de conhecimento é reduzir a vida acadêmica a uma única dimensão, afinal normalmente isso exige uma mudança significativa na rotina dos calouros que chegam à UFRGS. Residir na capital, longe do núcleo familiar, pode representar, nesse sentido, uma limitação ou mesmo um obstáculo ao início e à manutenção dos estudos.

A Universidade oferece a possibilidade aos estudantes oriundos do interior do estado e da região metropolitana de morar em uma das três casas de estudantes. Hoje, são 514 residentes divididos entre os três espaços. Para que tenham acesso às casas, os estudantes passam por um processo seletivo que avalia suas condições socioeconômicas. Entre elas, não morar em Porto Alegre, não possuir diploma de nível superior e ter uma renda familiar mensal inferior a um salário mínimo e meio per capita. Além desse auxílio com a moradia, a Universidade, por meio de sua Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), tem adotado um conjunto de ações de assistência para assegurar o ingresso e a permanência desses alunos: acesso aos restaurantes universitários sem custo algum – inclusive com café da manhã apenas para os residentes das casas de estudante; verba para a alimentação nos fins de semana, quando os RUs estão fechados; programa de saúde com atendimento odontológico e médico-ambulatorial; auxílio-transporte para Porto Alegre e região metropolitana; ajuda financeira para custear despesas de dependentes de até 5 anos de idade; e um valor mensal para bancar despesas com o material necessário para as aulas. Ainda, quando não há vagas para todos os solicitantes de moradia, a PRAE oferece um auxílio mensal até que haja disponibilidade.

Na avaliação da assistente social Patricia Brito, responsável pela Divisão de Seleção e Acompanhamento Psicológico, Pedagógico e Social da Universidade, esse é um trabalho bastante complexo, mas que demonstra a relevância do papel desempenhado pela instituição de ensino superior. “É gratificante ver que muitos usaram a assistência, se beneficiaram e saíram formados”, resume. Também o pró-reitor de Assuntos Estudantis da Universidade, Angelo Ronaldo Pereira da Silva, percebe a importância desse tipo de ações – enfatizadas por ele como prioridades dentro do contexto da UFRGS. Tanto é que relata haver um esforço conjunto dele e de seus pares de outras instituições federais de ensino superior para que não haja nenhum tipo de corte no orçamento da União destinado a essas ações. “Tem universidades que não estão dando conta da inclusão”, diz. E logo ressalva: “A UFRGS ainda consegue se manter”.

Tendo em vista essa função da assistência estudantil dentro das políticas de inclusão, o *Caderno JU* deste mês visitou a CEU e a CEUFRGS, duas das residências oferecidas pela Universidade a seus estudantes, para conhecer um pouco mais da realidade que nelas se organiza. As vantagens e dificuldades da vida em conjunto, as formas de gestão e de superação de limitações e os problemas enfrentados no cotidiano desses acadêmicos estão entre os temas que mais emergem dos diálogos.

Em casa

TEXTO EVERTON CARDOSO FOTOS FLÁVIO DUTRA E RAMON MOSER

A maior casa de estudantes da Universidade é conhecida como CEU e está situada na Avenida João Pessoa, no Centro Histórico. Lá residem 374 estudantes, distribuídos em seis andares de quartos duplos e alguns poucos individuais. Sendo esta a maior residência do gênero na UFRGS, pode servir de parâmetro: concentra 73% dos usuários desse tipo de assistência. A diversidade de perfil dos moradores é perceptível pela variedade de cursos dos quais os acadêmicos são oriundos: 66. Entre estes, os que mais têm estudantes na casa são Ciências Sociais e Agronomia, cada um perfazendo pouco mais de 5% do total, seguidos de Ciências Sociais e Jurídicas – Direito –, Engenharias Civil e Mecânica, Letras, Medicina e Pedagogia. Outros dados ajudam a complementar o perfil dos moradores da CEU: 42% ingressaram na graduação por meio do acesso universal ao vestibular; 36% por cotas para estudantes de escolas públicas; 10% como egressos do ensino público e com baixa renda; 6% autodeclarados negros, pardos ou indígenas e com baixa renda; e 6% apenas em razão de sua autodeclaração racial.

Convivência – “A melhor parte da casa é aprender a dividir e a conviver em harmonia”, declara a estudante de Pedagogia Raquel Specht. Residente desde 2010 na CEU, a jovem de 24 anos diz que o respeito às diferenças está entre os maiores desafios. Ela exemplifica com as particularidades relativas à adaptação aos horários, ao gosto na decoração do quarto e mesmo às opiniões. “As pessoas acham que aqui é uma baderna, mas não é assim. Quebramos muitos estereótipos, porque entramos em contato com a realidade da casa”, pondera. A acadêmica de Museologia Jeanne Laborido, de 22 anos, avalia esses quatro anos de convivência – ainda lhe falta um para se graduar – como uma oportunidade única para a construção de seu caráter. É gente dos mais variados lugares do Brasil – e, inclusive, alguns estrangeiros – com os mais diversos tipos de formação e em diferentes áreas do conhecimento. “Construímos uma grande família aqui dentro, afinal, temos de conviver com as pessoas, vê-las todos os dias”, relata. São, segundo ela, laços que não se rompem mesmo depois da saída da casa. Tanto é que os estudantes que lá residem sempre têm histórias de colegas com quem estabelecem relações de amizade que transcendem a graduação.

A aluna de Zootecnia Maieli Rohr, de 19 anos, também vê na convivência entre estudantes um ponto bastante positivo. “Me dei conta de que comecei a estudar mais depois que mudei pra cá”, admite. Isso se deve, segundo a jovem natural de São José do Sul – município situado a 82 km da capital –, ao fato de sempre ter alguém fazendo atividades acadêmicas por perto. “Boa parte dos moradores estuda muito. Quando eu morava num apartamento que dividia com mais duas pessoas, estudava menos.” Maieli, assim como Jeanne, vê na diversidade uma vantagem: já recebeu ajuda de uma estudante de Ciências Sociais para seus trabalhos sobre Sociologia Rural e de um acadêmico de Engenharia para suas atividades de Desenho Técnico. “Tenho matérias de todas as áreas e, por estar aqui, consegui tirar boas notas em várias cadeiras”, comemora.

Entrada difícil – Jeanne, que já dividiu o quarto com seis pessoas diferentes, diz que o mais difícil é se adaptar à rotina dos coabitantes. “Cada um tem um jeito de viver, um horário de acordar. Muitas vezes, quero escutar música, mas minha colega precisa estudar”, observa sobre a situação que costuma resolver usando fones de ouvido e que traduz muito do respeito e da parceria que aos poucos os moradores vão desenvolvendo. A história de sua chegada à CEU, no entanto, mostra o quanto pode ser difícil o ingresso na residência: tinha recebido uma lista da administração da casa com os quartos em que havia disponibilidade, mas não conseguiu contato com os colegas. Acabou morando com um rapaz, situação que não agradava aos pais da então adolescente de 17 anos, o que a levou a buscar uma companhia feminina. “Tinha uma vaga, mas tive de seguir a menina até o quarto e colocar o pé para ela não fechar a porta. Só assim consegui conversar”, rememora. E diverte-se lembrando da experiência de compartilhamento que não passou de um mês: “Coloquei o tênis na janela, e ela reclamou. Disse que a janela era dela, pois ficava perto da cama que usava. Respondi, então, que a porta era minha”.

Também Luális teve dificuldade: foi à CEU diversas vezes, pois os ocupantes dos apartamentos em que havia vagas não respondiam emails nem atendiam telefonemas. Ela conseguiu o quarto 319, que compartilhou com um menino. “Éramos bem diferentes: ele muito, quieto; eu, expansiva; ele, extremamente organizado; eu, bagunceira”, conta. “Foi então que, ao entrar em contato com a estudante de Licenciatura em Ciências Biológicas Daiana Schneider, nossa bagunça se completou. É uma parceria muito grande. Quando vim morar com a Dai, parecíamos duas adolescentes e costumávamos ficar conversando até tarde”, lembra. Daiane diz que a decisão de se mudar para o 318 carrega consigo também certo simbolismo, já que o apartamento está situado na metade do corredor e acaba por ser um ponto de reunião

FLÁVIO DUTRA/JU



dos habitantes do terceiro andar, além do hall próximo à sacada. “Estávamos tão animadas que a Lu quebrou a mão ao cair enquanto subia na janela para pendurar uma faixa acima da abertura”, brinca.

Residente no quinto andar da CEU, Isack Martins, 24 anos, aluno de Engenharia Civil, conta que, ao ingressar na UFRGS, não havia vagas em moradias estudantis. Por essa razão, recebeu o auxílio da Universidade para custear o aluguel de um apartamento que compartilhava com mais três estudantes no bairro Menino Deus. Assim como a maior parte dos moradores, Isack reconhece pontos positivos na vida na CEU. “Tento manter a minha privacidade, mas aqui não tem muito. Sempre tem alguém que fala mais alto”, comenta. Mas apressa-se em dizer o quanto é importante para ele o vínculo que criou com sua atual colega de quarto: “Ela me vê rindo, chorando, doente”.

Condição – Com um universo diferente, a CEUFRGS abriga 42 estudantes. As menores dimensões da casa e sua localização no Câmpus Saúde, porém, não são suas únicas particularidades: o espaço é gerido pelos próprios moradores. Eles dividem-se em comissões – cultural, seleção, direção, limpeza, informática e manutenção. Dentro da realidade dessa casa, Mara Marques, aluna da graduação em Serviço Social, é um exemplo de o quanto, mesmo para residentes na região metropolitana de Porto Alegre, viver numa casa de estudante da Universidade faz diferença. “Vir morar aqui proporcionou me dedicar integralmente, ter um aproveitamento melhor. Senão, teria de vir pra cá de manhã e passar o dia perambulando pelos câmpus”, avalia a antes moradora de Cachoeirinha que teria de trabalhar para custear o deslocamento até a Universidade. A acadêmica percebe ainda uma possibilidade de vivenciar o espaço universitário em sua completude: participa de projetos, palestras, encontros aos finais de semana. “Teria de ir embora e voltar. É uma questão de qualidade”, assevera.

O acesso à CEUFRGS, no entanto, é complicado. Isso

porque a casa não oferece vagas suficientes para dar conta do número de estudantes que a procura. Essa é a avaliação de Eduardo Hernandez, aluno de Ciências Sociais que foi do comitê de seleção da residência estudantil até o segundo semestre do ano passado. “Dispúnhamos de quatro vagas, e eram cerca de 30 candidatos. Tinha muita gente precisando. Mas tivemos de ficar com os casos mais dramáticos, o que deixou muitos de fora”, relata. Na visão do estudante, isso é sintoma da pouca importância dada à assistência estudantil pela Universidade – afirmação à qual todos os moradores fazem coro.

Os casos de Patrícia Sudre, do Serviço Social, e Daniel Souza, da Medicina, são emblemáticos. Quando ela se candidatou, havia apenas uma vaga disponível. “A concorrência é como se uma nova CEUFRGS quisesse entrar a cada semestre, mas a casa nunca aumentou o número de vagas”, diz. Como estuda em um dos cursos noturnos – realidade que tem abrigado mais estudantes na UFRGS após a implantação do Reuni – e morava em Canoas, Patrícia tinha bastantes dificuldades no trajeto que fazia diariamente: transporte lotado em horário de pico, assaltos, além do gasto em si. O caso do rapaz é ainda mais marcante: natural de São Roque, no interior de São Paulo, Daniel não teria tido condições de vir para Porto Alegre sem receber algum tipo de assistência da Universidade. “Com as cotas, o acesso de alunos carentes tem ampliado. Para quem vem de outro estado e não conhece ninguém por aqui, isso é fundamental”, relata.

Para a integrante da equipe diretiva da casa e estudante de Geologia Simone Trindade, a experiência de morar na CEUFRGS ainda oferece outra formação suplementar àquela da graduação: é para a vida. “Temos problemas para resolver com infraestrutura. Precisamos correr atrás, pois a UFRGS não vem até nós”, conta. Para ela, a relação que os estudantes estabelecem com as casas está na própria designação do espaço: não são apenas dormitórios onde passam as noites entre as aulas, mas um lar em que têm todas as suas coisas e sua vida durante a permanência na Universidade.

FLÁVIO DUTRA/JU



O cotidiano e os ambientes da residência estudantil situada no Câmpus Saúde da Universidade mostram o quanto, mais que um dormitório, é um lar para os acadêmicos que lá moram

Problemas e soluções

Durante as conversas com os residentes nas casas oferecidas pela Universidade, diversos foram os problemas e as preocupações apontadas por eles. Lidar com essas questões, no entanto, não é um quebracabeças simples de resolver. De acordo com o pró-reitor de Assuntos Estudantis, Angelo Ronaldo Pereira da Silva, a Universidade passa por um período de renovação como há muito não acontecia no que se refere à estrutura destinada à assistência estudantil. Ele cita como exemplo os restaurantes universitários: os equipamentos das cozinhas eram da década de 1970 e houve, recentemente, um investimento de 1,5 milhão de

reais para a sua modernização. Sequer era possível se conseguir manutenção. Ele aponta ainda a terceirização de alguns serviços da Universidade como causa de algumas dificuldades – dinâmica esta inevitável em razão de posicionamentos que vêm da administração federal. “Estamos contatando o MEC para não haver cortes nos recursos para a assistência estudantil. Tem de haver aumento”, diz.

De forma mais pontual, a diretora da Divisão de Moradia Estudantil, Vera Rosane de Oliveira, diz que as casas têm um tipo muito específico de demanda. “A relação em uma sala de aula é diferente daquela em uma moradia estudantil. Precisamos criar uma cultura

diferente, capaz de entender que hoje estamos com a política de inclusão. Para isso acontecer de fato, é preciso dar condições”, pondera. Na mesma linha, opina a responsável pela Divisão de Seleção e Acompanhamento Psicológico, Pedagógico e Social da Universidade, Patrícia Brito. Ela, porém, ressalta a inevitabilidade de que os interesses estudantis sejam vistos a partir das necessidades da comunidade acadêmica como um todo. “Eles precisam acordar as demandas entre eles para que possamos definir quais problemas são mais sérios”, explica. A seguir, então, o ponto de vista da Pró-reitoria sobre os temas mais recorrentes.

Falta de vagas A Pró-reitoria de Assuntos Estudantis tem trabalhado com dois projetos para a expansão da moradia estudantil. O primeiro deles é a aquisição de um prédio que irá abrigar uma nova casa de estudantes na região central da cidade. Essa busca já teve início, mas tem esbarrado na inadequação dos imóveis disponíveis e nas exigências do plano diretor da cidade. Outra perspectiva é a construção de prédio para este fim no Câmpus do Vale. Nesse caso, o projeto já foi aprovado e aguarda dotação orçamentária para que as obras comecem.

Pequenos e médios reparos As casas contam com zeladores, inclusive à noite. A administração recomenda que os estudantes estabeleçam um vínculo mais próximo com a equipe de manutenção e com os demais profissionais que trabalham nas moradias.

Segurança e acesso A divisão de moradia tem solicitado às prestadoras de serviço nessa área que contratem profissionais com perfis específicos para ocuparem essas posições, afinal, são prédios residenciais. Os estudantes também precisam estar abertos a um sistema mais rigoroso de controle de entrada e saída na portaria. Uma das soluções ora cogitadas, principalmente para a CEU, é a colocação de interfones nos quartos.

Prevenção contra incêndios Uma empresa foi licitada e não deu conta do projeto. Houve um novo processo com prioridade para as casas de estudantes.

Cozinha e lavanderia insuficientes O uso de eletrodomésticos nos quartos pode causar sobrecarga nas redes elétricas das casas. Na CEU, já foi feita a troca do transformador e da fiação, mas ainda assim não é suficiente para a quantidade de dispositivos lá existentes. Os prédios não comportam a construção de novas cozinhas sem que haja a redução no número de quartos. Quanto ao equipamento para a cozinha e para a área de serviço, é preciso que os estudantes apresentem as demandas. Quantos às lavadoras de roupa, há a possibilidade da aquisição de máquinas industriais, mas isso ainda depende de processos de compra e de avaliação de questões hidráulicas, elétricas e de infraestrutura da Universidade.

Conexão de internet sem fio Os equipamentos já foram adquiridos e aguardam a instalação na CEU.

Lugar para guardar bicicletas Ainda não há solução prevista por falta de espaço físico.





RAMON MOSEER/JU

Viver com pouco

Indígena conta a experiência de deixar a reserva em que vivia para morar na CEU

Imagine-se uma área correspondente a quinhentas vezes o tamanho do parque da Redenção, sendo dois terços dela cobertos por mata atlântica e o restante ocupado por plantios diversos. Assim é a Terra Indígena Nonoai, reserva situada no município homônimo, no norte do Rio Grande do Sul. Imagine-se, então, uma vida em coletividade dentro de uma tribo indígena: não há rotina. Ainda que cada núcleo familiar tenha a sua oca feita de massa de barro e folhas de bananeira, é no conjunto da aldeia que a vida acontece. Quando um habitante do lugar decide pescar, por exemplo, vai chamando os demais membros e, em conjunto e com arcos e flechas, saem à busca de peixes. Há dois anos ainda era assim a vida de Marcos Vesolosquzi Fidelis, de 20 anos. Hoje, ele é estudante de Direito na UFRGS e morador da CEU. “Nasci bem no interior do interior. É onde Judas perdeu as meias e não voltou pra buscar”, diverte-se. O kaingang diz sentir muita falta da liberdade que tinha em sua terra natal, sem que ninguém estivesse lhe dizendo como as coisas devem ser, desde que seguisse as regras da tribo. “Caminhava livremente, sem perigos. Aqui já fui assaltado três vezes numa semana”, conta sobre os episódios ocorridos em plena luz do dia.

Vida simples – Além da liberdade que tinha na reserva em que morava, Marcos revela que o espírito coletivo é uma das coisas de que mais sente falta. “A gente nunca pensa só em si. Vivemos em grupos, então precisamos pensar em conjunto”, relata o estudante sobre a forma de organização de

seu povo. Nesse espírito, o que é de um é de todos; tudo é partilhado. Por isso, a maneira de se relacionar das pessoas na nova morada causa-lhe, ainda, certa estranheza. Por outro lado, ele também desperta muito a curiosidade daqueles com quem convive na capital. “Esses dias uma colega me perguntou se eu não queria um carro. Respondi que não. Pra que iria querer um carro?”, questiona para mostrar o quanto a busca por riqueza não é algo que faça parte de seus desejos – e nem dos de seus semelhantes. Marcos observa, entretanto, que foi preciso se adaptar a algumas coisas quando chegou a Porto Alegre: teve, por exemplo, de providenciar um celular e fazer um perfil no Facebook. “Se não tiver, fico por fora de todas as coisas da faculdade”, admite.

O jovem entrou para a Universidade há dois anos, por meio do programa de reserva de vagas para indígenas. Anualmente são selecionados dez alunos novos. Ele soube da perspectiva de chegar a uma universidade federal pelo relato de um estudante de sua mesma origem que se formara na turma anterior à dele no ensino médio. “Ele estuda Medicina. Entrou na UFRGS em 2008 e está apanhando para se formar. Mas sempre disse que era bom”, conta. Além desse relato, foi decisivo o estímulo que os jovens kaingang recebem dos pais e das lideranças da tribo para buscar conhecimento e estudar. “Se os índios não tiverem estudo, qualquer um diz o que quiser sobre nós, não temos a chance de nos defender”, argumenta Marcos sobre a história recente de seu povo. Conforme o relato das pessoas mais experientes do grupo que o jovem integra – alguns com

120 anos de idade –, durante o período de ditadura militar, entre 1964 e 1985, muitas de suas terras foram tomadas, o que fez com que a população se reduzisse à metade. Foi exatamente essa constante luta por direitos que levou o acadêmico a optar pela carreira jurídica. “Sempre ouvia que os direitos indígenas não eram respeitados. Funcionários da Funai e do Ministério Público nos diziam que precisávamos de alguém qualificado na área”, relembra.

Possibilidade única – Os dez contemplados anualmente com vagas para o ingresso de indígenas na Universidade têm acesso direto à moradia. Este, aliás, foi outro ponto decisivo para que Marcos tomasse a decisão de mudar-se para Porto Alegre: “Nós viemos do interior e sem o mínimo recurso”. Isso porque, segundo ele, na comunidade em que vivem, a maioria das pessoas trabalha na agricultura como forma de subsistência. “O pouco que temos é para viver e nos mantermos”, observa. Tanto é que eles agora recebem uma bolsa mensal de 900 reais para se manterem por aqui. Isso porque a família de onde vem não tem uma renda mensal.

Até 2010, havia na CEU cinco quartos reservados especificamente para os estudantes indígenas que ingressavam anualmente para morar em duplas. A partir daquele ano, no entanto, os ingressantes precisam procurar quartos para si mesmos, tal como fazem os demais calouros. Assim, compartilham a moradia com quem dispuser de vaga. Na avaliação do jovem kaingang, porém, isso acaba por ser um problema, e vários indígenas desistem de estudar, já que há muita diferença cultural. “A pessoa que não conhece indígena não se sente bem, não sabe como lidar”, avalia. Entre as principais dificuldades está certa timidez dos indígenas, geralmente mais calados que seus colegas de origem urbana. Isso acaba, inclusive, por contribuir para a perpetuação de alguns estereótipos: de que os índios são canibais, meio loucos e andam nus. Marcos

chegou a ser hostilizado ao chegar à Faculdade de Direito pela primeira vez usando calção, camiseta e chinelos. Quando fala de sua experiência na Casa do Estudante, o relato toma contornos bastante curiosos. Ironicamente, acostumado a vagar livremente pelos 30 mil hectares da reserva de onde vem, ele não se sente aprisionado no quarto normalmente considerado diminuto por seus colegas não indígenas. “É mais ou menos a metade do tamanho da oca que temos lá na reserva”, compara. Considerado o fato de que lá a família composta pelo casal e três filhos dividia a habitação de cômodo único, compartilhar o espaço com mais uma pessoa não é, então, um problema. Hoje, no entanto, a situação por lá é diferente: a família recebeu uma casa de três peças de um programa do governo federal. “Antes vivíamos na miséria”, diz.

“Nós viemos do interior e sem o mínimo recurso”

Até meados de março, o aluno morava em um quarto no terceiro andar da CEU com uma estudante de Odontologia, também indígena; agora compartilha com Josias Mello, aluno de Pedagogia e pertencente ao mesmo agrupamento em Nonoai. Os planos, no curto prazo, incluem redecorar e organizar o espaço recém-ocupado – já que o que está no quarto ainda é, em grande parte, o que fora deixado por moradores anteriores. Mas e o que vai substituir ou complementar as fotos da Porto Alegre antiga e da Faculdade de Direito que estão coladas nas portas do armário? “Flechas, arcos e outras coisas que nós mesmos fazemos”, empolga-se.